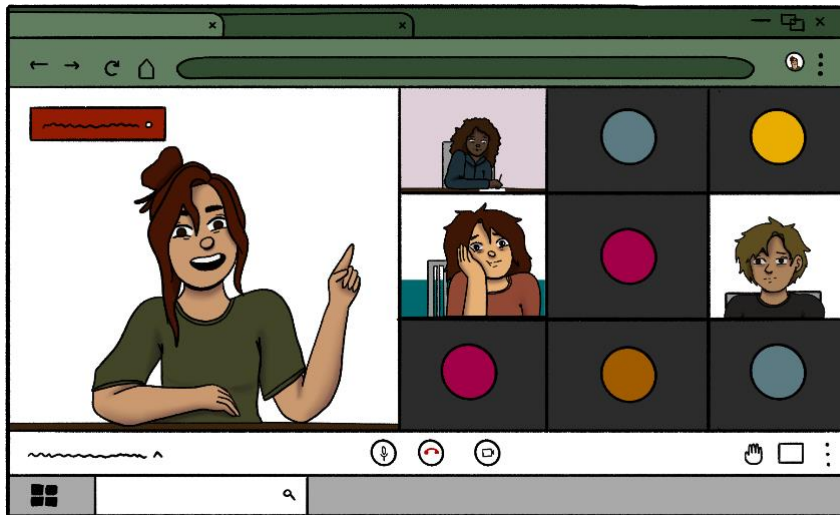


DOCÊNCIAS EM TEMPOS DE CIBERCULTURA



Para falar de docências – no plural, porque há muitos modos de exercer o ofício¹ – é preciso estar atento (e forte)² ao que acontece nos cotidianos das escolas, das

universidades e, nesse tempo-tempestade de 2020/2021, nos Ambientes Virtuais de *Ensinoaprendizagem* (AVE)³, terreno movediço onde temos erguido esse negócio⁴ chamado *Ensino Remoto Emergencial* (ERE)⁵.

¹ Gostamos dessa definição de Deleuze (1986) sobre o que é uma aula – *prátcateoria* fundamental para a compreensão de como o docente pensa e exerce o seu ofício: “Para mim, uma aula não tem como objetivo ser entendida totalmente. Uma aula é uma espécie de matéria em movimento. É por isso que é musical. Numa aula, cada grupo ou cada estudante pega o que lhe convém. Uma aula ruim é a que não convém a ninguém. Não podemos dizer que tudo convém a todos. As pessoas têm de esperar. Obviamente, tem alguém meio adormecido. Por que ele acorda misteriosamente no momento que lhe diz respeito? Não há uma lei que diz o que diz respeito a alguém. O assunto de seu interesse é outra coisa. Uma aula é emoção. É tanto emoção quanto inteligência. Sem emoção, não há nada, não há interesse algum. Não é uma questão de entender e ouvir tudo, mas de acordar em tempo de captar o que lhe convém pessoalmente. É por isso que um público variado é muito importante. Sentimos o deslocamento dos centros de interesse que pulam de um para outro. Isso forma uma espécie de tecido esplêndido, uma espécie de textura”. *Entrevista concedida por Deleuze à Claire Parnet, em 1986. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C2BIFFUu9M&t=1s>. Acesso em 13/03/21.*

² Referência ao verso da canção ‘Divino Maravilhoso’, de Caetano Veloso.

³ Alguns ainda chamam essas interfaces digitais de AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem. Mas, como não acreditamos em aprendizagem acontecida na ausência de ensino, preferimos usar AVE – escrevendo *ensinoaprendizagem* como uma palavra única, não dicotômica, seguindo a aposta estético-política das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. Para essa corrente do pensamento educacional, a lógica da ciência moderna opôs noções que seriam mais potentes se pensadas lado a lado – tempo-espaço; saber-fazer; prática-teoria etc. Sublinhando a despotência dessas oposições, passamos a escrever *tempoespaços* ou *espaçostempos*; *prátcateoria* ou *teoriaprática* ou ainda *prátcateoriaprática*; *saberesfazeres* etc.

⁴ E quem há de dizer que o Ensino Remoto Emergencial não é um negócio? Uma breve análise das propostas colocadas em prática pelas secretarias de educação de diversos Estados brasileiros apontará a forte presença e influência de grandes empresas privadas que praticam a educação como negócio. São elas as vendedoras dos pacotes de soluções pedagógicas que vão desde ambiências digitais até materiais didáticos e aulas gravadas por professores *uberizados*. Falaremos de alguns casos no capítulo *Ensino Remoto Emergencial*.

⁵ Nossas reflexões acerca do *Ensino Remoto Emergencial* serão realizadas, primordialmente, tendo a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) como recorte, pois é nela que atuamos e desenvolvemos nossas pesquisas. Em algumas passagens do texto, contudo, falaremos de forma mais abrangente, citando experiências que se dão/deram em outros *espaçostempos*.

É fundamental partirmos das pedras miúdas se quisermos falar – caminhando – acerca do caminho. É prudente escutar e compreender, no comezinho dos dias, as vozes que enchem esses *espaçostempos* praticados de sons dissonantes⁶, contando histórias



outras, nem sempre convertidas em palavras nos documentos oficiais⁷. Entre o que as instituições dizem e o que os docentes vivem há uma distância capaz de fazer correr entre as margens um rio largo de águas turvas, do qual só saberemos algo (jamais tudo) se mergulharmos sem medo de nos molhar. A sensação de afogamento também faz parte dessa aventura, mas a gente aprende a nadar e a boiar para contemplar a paisagem⁸.

⁶ Os cotidianos escolares, apesar da rigidez e da disciplina que tentam impor, são também *espaçostempos* de expansão da vida, de diferenciação, de afirmação de outros modos de existência, inclassificáveis, inomináveis. Neles, o poder – como relação de forças – estará sempre em disputa.

⁷ Nas pesquisas *nos/dos/com os cotidianos*, compreendemos a investigação científica a partir do mergulho que o pesquisador se dispõe a fazer, com todos os sentidos, nos *espaçostempos* sujeitos de seus estudos. Isso implica escutar o que aparentemente não seria fala, mas barulho – sons que permeiam os cotidianos escolares e que não são, de imediato, significados como narrativas que informam algo interessante à pesquisa. Os cheiros, os sabores da comida servida no refeitório, do salgadinho comprado na cantina e outros disparadores de sentidos ajudam a compor entendimentos quando se está no campo para pensar *com* e não *sobre*. Tais percepções acerca dos cotidianos investigados nem sempre encontram correspondência nos documentos institucionais. Cabe às pesquisas em Educação registrar a pluralidade desses modos de existir e de habitar as escolas. Cf. Alves, 2015.

⁸ Seja em sala de aula ou no campo, como pesquisador, o ofício do professor não se realiza sem sobressaltos, tensões, necessidade de tomar decisões rápidas para dar conta dos imprevistos do dia a dia. O que aprendemos na faculdade e em outros cursos de formação nunca será suficiente para a feitura do trabalho diário, para compreender as demandas e propor negociações. Por isso, quando pesquisamos com os cotidianos, estamos interessados em conhecer os danos, os remendos, as voltas por cima, os recuos, os avanços, os disfarces, as malícias, os enganos, as estripulias, as desobediências, as gambiarras e demais fazimentos que compõem os processos de singularização docentes. É o que escapa das normas que nos interessa. São as rebeldias.



- É um dia de cada vez, eu já coloquei isso na minha cabeça. É um processo de autoconhecimento também. Eu, que já não sabia nada de mim quando começou a pandemia, agora sei menos ainda, mas eu acho que eu consegui conhecer mais um pouco das pessoas que interagem comigo nas redes sociais. Sobrou mais tempo pra acompanhar a vida alheia, né? A vida hoje é uma enorme tela plana e eu tô mergulhando cada vez mais nela. E com essa pressão das aulas remotas, acaba que tudo acontece ali mesmo, no celular, no computador. Eu não conheci os meus alunos desse semestre, mas é como se [os] conhecesse mais do que os outros, dos semestres presenciais, porque esses de agora produzem mais imagens de si, da casa, do cotidiano deles, e eu acesso mais essas imagens do que acessava antes, eu vejo os vídeos deles no Instagram, eu escuto os áudios que eles mandam no grupo do Whatsapp. Às vezes, nessas *lives*, nessas interações em vídeo que eu faço com as turmas, eu acabo conhecendo muito mais as famílias, o espaço em que eles moram, a casa sem reboco, a solidariedade entre as pessoas que moram naquela casa, que tentam se ajudar. É uma pobreza material que existe em meio a uma riqueza de sentimentos. É estranho me ver dentro daquelas casas,

sentindo os cheiros, ouvindo os barulhinhos. Eu me sinto uma prisioneira olhando pelo buraco da fechadura. E quanto mais eu olho, quanto mais eu escuto as cenas desse Big Brother, mais eu quero ver e ouvir. Por isso é que eu acho difícil separar o tempo do lazer do tempo do trabalho, porque tudo acontece no mesmo lugar agora, entende?⁹



⁹ Narrativa de *praticantepensante alegórico*. O *praticantepensante* alegórico é uma escolha metodológica caracterizada pela reunião de múltiplas vozes que, sob o signo de uma identidade única, exercem em nosso texto uma função-informante. Trata-se da junção de pedaços de narrativas, produzidas por diversos interlocutores de pesquisa, que nos ajudam a pensar sobre determinado tema. Não possui, pois, um caráter biográfico, mas unicamente comunicativo – ilustração de certos modos convergentes de pensar entre sujeitos de uma mesma comunidade (NOLASCO-SILVA, 2019). Os *praticantepensantes* alegóricos funcionam, nesse sentido, como personagens conceituais. Para Alves (2010, p.1.203), “Os personagens conceituais são, assim, aquelas figuras, argumentos ou artefatos que entram como o outro – aquele com quem se “conversa” e que permanece presente por muito tempo para que possamos acumular as ideias necessárias ao desenvolvimento de conhecimentos nas pesquisas que desenvolvemos. Esses personagens conceituais aí têm que estar, para que o pensamento se desenvolva e para que se crie novos conhecimentos”. Parte das narrativas aqui apresentadas foram usadas na criação de um roteiro de ficção que, ao longo do ano de 2020, em meio a pandemia, deu origem a *websérie* “Isolados”. A proposta da série é fazer circular *conhecimentossignificações* elaborados em contextos de pesquisa, entre um público não necessariamente acostumado aos textos e aos eventos acadêmicos. Os episódios, produzidos sob medida para o Instagram, têm sido trabalhados em salas de aula como disparador de temas e complemento de textos. Ao longo desse livro, disponibilizaremos QR Codes que levarão aos episódios correspondentes às narrativas citadas.

As docências – mosaico de variadas imagens – são práticas de leituras e de escritas do mundo. Como tal, são passíveis de equívocos, de engargalos, de tropeços que nos quebram as letras¹⁰, de miopias e outros defeitos da visão adoecida. Não são mais legítimas que as outras formas de ‘ler’, mas tampouco seriam menos relevantes, como querem fazer acreditar aqueles que pintam o professor como inimigo.

Aliás, já que tocamos nesse assunto¹¹, é preciso demorar um pouco, ainda que sob o risco da indigestão e da azia, nessa alegoria do mau presságio chamada *Escola “sem” Partido*¹². Mau agouro de nomes variados, esse projeto de lei (mal projetado) encontra-se espalhado por câmaras de vereadores, assembleias legislativas, programas de TV sensacionalistas e afins, tentando exterminar a diferença, silenciar as minorias que habitam em qualquer agrupamento humano¹³. Insiste em esconder sob o pano da



¹⁰ Tem coisas que acontecem com a gente na aula – exemplos que são dados, conflitos impossíveis de serem mediados naquele momento etc – que nos deixam sem palavras.

¹¹ Em tempos de cibercultura, é difícil não cruzar o magistério com os discursos de ódio que tentam desqualificar e demonizar o professor – e as escolas, e as universidades, e a ciência – baseados no argumento da doutrinação ideológica. Forças políticas, empresariais e religiosas investem dinheiro e tempo nas redes sociais online, fabricando postagens – muitas vezes por meio de *bots* – que pintam o professor como inimigo da sociedade, do nacionalismo, do patriotismo, das famílias, principalmente no tocante aos debates sobre gênero e sexualidade.

¹² O *Escola “sem” Partido* não é um discurso novo, tampouco isolado. Suas origens datam de 2004 e são, em teoria, uma reação a um professor de História que teria feito uma comparação entre Che Guevara e São Francisco de Assis. Na turma deste professor estava a filha do Procurador do Estado de São Paulo Miguel Nagib e foi ele quem idealizou este movimento “100% apartidário” que “tem dois objetivos: combater o uso do sistema educacional para fins políticos, ideológicos e partidários e defender o direito dos pais dos alunos sobre a educação moral de seus filhos” (BÁRBARA; CUNHA; BICALHO, 2017, p.106). Há no *Escola “sem” Partido* um sentido ideológico e político que potencializa a intolerância aos movimentos sociais e tenta impedir os avanços das lutas populares e da classe trabalhadora. Para tanto, conta com o poderoso auxílio da grande mídia e do crescente mercado de seitas religiosas que usam “deus” como mercadoria, tornando reféns de uma manipulação em cascata um número cada vez maior de pessoas. Versões da realidade são produzidas e veiculadas na TV, nos jornais e na internet, eficientemente orquestradas pelos interesses de uma elite econômica, dando origem a um fenômeno que tem sido chamado de *pós-verdade*.

¹³ Pensando com Deleuze (2002), produzir maiorias é levar as pessoas a se enquadrarem num metro-padrão hegemonicamente estabelecido. A maioria não é ninguém, todo mundo é minoria. A maioria é um padrão vazio, só que muitas pessoas se reconhecem nesse padrão, realizam esse padrão. Minoria, na perspectiva

crueza, a multiplicidade de modos de existir, de produzir vida num tempo histórico de tantas mortes – reais e simbólicas¹⁴. Aposta numa história única¹⁵ contada por uma escola-idealizada destinada a docilizar corpos¹⁶. Deseja produzir corpos únicos, vigiados, encarcerados na *héterocisnorma* fragilizada que não resiste a um clipe da Pablu Vittar sem espernear nas redes.



- Escola “sem” Partido é novidade pros héteros e pros cis, igual o isolamento social. Pra uma pessoa dissidente como eu, travesti, o distanciamento e a tentativa de aniquilação são a regra, a vida normal. As pessoas não costumavam me receber em casa. As



deleuziana, tem a ver com não estar conforme o padrão. Por isso, pensamos que a diferença/diferenciação, processual e afirmativa, é característica do vivo e que conhecer não é reconhecer (2006).

¹⁴ Falamos de uma ideia de currículo, defendida por esse projeto estapafúrdio que, ao tentar constituir maiorias, alija minorias ao mesmo tempo em que as produz. Um tipo de texto curricular que, ainda que não consiga tudo o que fabula, ao se fazer credível, produz crentes praticantes (CERTEAU, 1994) e, dessa forma, pode produzir também, por outro lado, dor, tristeza, medo, vergonha, sofrimento naqueles que não podem ou que não querem se enquadrar em seus processos padronizadores.

¹⁵ Chimamanda Adichie (2009, *online*) diz que: “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”. Seguindo na mesma lógica, a propagação de uma ideia única acerca do que pode um corpo, do que cabe numa existência, a insistência no discurso totalitário que reduz a experiência humana ao conjunto de regras morais criadas por uma elite cultural e econômica, querem dizer através das escolas que aqueles que não cabem nas normas estabelecidas não merecem fazer parte da vida. São a sobra, o avesso, o invisível, o indesejável, o abjeto, o que será punido por sua diferença. A punição, muitas vezes, é a interdição do ato de narrar a própria história. O que se sabe desse *outro* indesejável acaba sendo aquilo que falam dele.

¹⁶ “O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica do poder’, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’” (FOUCAULT, 1977, p. 164).

peças de bem, né (?), como dizem. Elas não falam nada, mas deixam tudo muito claro nas atitudes, demonstram que andar comigo é algo que não pega bem. O que os outros vão pensar vendo uma moça de família chegando em casa com uma travesti? Se for homem hétero, então, nem pensar, nem na rede social eles me adicionam. Então, olha a ironia, eu já estava isolada antes. O meu isolamento social começou nos anos noventa, quando eu descobri a sala de bate-papo da UOL e a minha condição de pessoa trans. Eu perdi a vida social ali, foi naquele momento. Eu entrava em tudo que era sala: cidade, região, sexo, namoro, amizade. Falava com homem, com mulher: “oi, quer te? É só logar aqui”. Por isso que eu nem estranho esse novo normal, porque eu sei que faz é tempo que a gente vive muito mais online que no cara a cara. Travesti, então, vive num mundo à parte desde sempre, jogada nos guetos. Eu já estava adaptada à solidão, à exclusão. O Escola “sem” Partido só quer oficializar o que pessoas como eu já passam no dia a dia. Só que hoje, eles é que são os prisioneiros. Eles é que precisam ficar em casa por causa do vírus e estão enlouquecendo porque sempre tiveram o direito de ir e vir pelas ruas. Eu, como já tô acostumada, só observo e teço comentários nas redes sociais, porque eu ainda não estou morta, apesar das tentativas dessa gente. Se não fossem as redes sociais eu nem sei o que seria de mim, viu? Eu amo ficar no meio daquela multidão de gente que eu nem conheço, gente sem rosto ou com rosto fake que também não tem certeza se sou eu na foto. Cada dia eu sou uma por lá, tipo atriz de novela que emenda uma personagem na outra, sabe? Eu já fui tantas na Internet que se um dia eu encontrar meus arquivos de conversa é capaz de nem me reconhecer. Antigamente eu usava *Barbie Cat do Irajá* de *nickname* nas salas da UOL. No MSN era *Gatinha Manhosa 17*. Se eu soubesse no que esse número ia dar, nem tinha usado. Por isso eu não tenho medo dessas ameaças que eles fazem contra o professor, porque sou puta velha de Internet, eu sei como essa coisa funciona. Eu digo o que eu quero de uma forma que eles não conseguem captar a malícia e, se conseguir, não vão conseguir provar nada. Aprendi com Chico Buarque fazendo música de protesto na ditadura.



As docências da atualidade são atravessadas por um fantasma denunciante, x-9, delator do comportamento alheio, praticante do “sorria, você está sendo filmado para depois ser postado e achincalhado nos grupos de *Whatsapp* da tradicional família brasileira”.

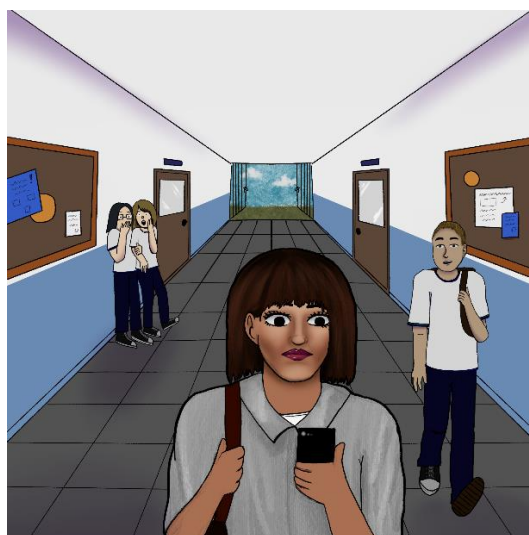


- Eu confesso que passei a ficar mais comedida em sala de aula, porque eu sei que o que eu falo para eles pode ser publicizado para audiências que não terão acesso ao contexto das minhas falas. Durante muito tempo eu vi com bons olhos os estudantes usarem celulares como gravadores durante as aulas. Eu imaginava que eles poderiam ouvir de novo aquilo

que foi dito durante a aula em seus momentos futuros de estudo, de revisão. Agora eu não consigo tirar da minha cabeça a sensação de que eles estão gravando a aula para descontextualizar a minha fala e me expor nas redes fascistas atuais. O MBL chega a pagar uma quantia por esses vídeos e agora eu fico pensando que posso ser vítima das minhas próprias aulas, das ideias que eu trago comigo, das leituras que eu faço, das minhas posições políticas. Se há uma coisa que o *Escola “sem” Partido* conseguiu na nossa sociedade foi implantar o medo entre os professores. E as tecnologias de registro, de comunicação, que tinham tudo para ser o instrumento de avanço, de progresso entre nós, podem ter se tornado uma ameaça, um instrumento a serviço do controle, do cerceamento das ideias, das perseguições políticas e de tudo aquilo que deriva da visibilidade descontextualizada.

Não existe docência sem bandeira, sem causa, sem uma paixão que nos justifique acordar todo dia para trabalhar formando gente – e sendo por essa gente (*trans*) formado. O *Escola “sem” Partido* está fadado a entrar para a história como o sopro do passado que tenta apagar a vitalidade do presente. Não vai conseguir realizar o intento, pois o presente compõe os *espaçostempos* do invento, da travessura, da gaiatice, da fissura por onde passamos com certo aperto, mas sem conter o movimento¹⁷. Mesmo os corpos interditados – pois, dissidentes – cuja lógica afronta as tradições inventadas, ao habitarem as escolas acionam discursividades de gênero e sexualidade, mesmo sem falarem nada.

¹⁷ Ao pesquisarmos com os cotidianos, preferimos dirigir a nossa atenção e preocupação para os cruzamentos de diversas dinâmicas criadoras de modos de existência possíveis e para a heterogeneidade e a ambiguidade que resultam dos processos de significação, classificação e produção de diferenças reconhecíveis e administráveis.



A presença de pessoas *trans* nas escolas e universidades, numa época em que se discute a absurda possibilidade da interdição do debate sobre gênero e sexualidade na educação formal, é *front* de resistência. Trata-se de um corpo que impõe, só por estar presente nesses *espaçotempos* de formação, a pauta de gênero. Ao não passar despercebido é imagem que faz pensar, que faz

o corpo-cis vibrar, colidir, perturbado com a própria noção que faz de si. (NOLASCO-SILVA; VIEIRA, 2020, p. 183).

As docências do presente acontecem sob olhares vigilantes e cobiçosos, nem sempre claros em suas intenções, mas geralmente perversos como toda tentativa de conter o fluxo da vida que deseja ir por múltiplas direções. Entre os falsos religiosos que almejam a escola-prolongamento-da-igreja e os ambiciosos empresários que desejam a educação-mercadoria, há a fresta por onde se inventa a vida. É dela que queremos falar aqui – da



passagem de ar que viabiliza a construção permanente do existir enquanto potência, como disponibilidade para transformar o mundo, de modo que ele se alargue tanto, tanto, tanto que caiba todo mundo dentro dele. Educar na fresta é não se comprometer com a ideia de um corpo-pecador porque pecado é invenção que não faz sentido num Estado laico. O corpo tem que ser livre para (se quiser)

romper as barreiras do comportamento normativo, gingando, escapando das flechas de uma moralidade reduzida à obediência. As escolas são contingências *espaçotemporais*

por onde os corpos transitam. Não é possível interromper esses fluxos sem cometer algum tipo de violência.

- Eu tive muito medo de que me descobrissem gay na escola, mesmo não tendo aquelas marcas mais perceptíveis, porque eu escondia tudo, eu me escondia, eu não reagia como eu queria reagir. Eu me contive sempre, eu me anulava porque era isso que diziam que era o certo – os professores, os colegas, a direção. Quando eles me repreendiam, quando diziam que aquilo não era coisa de menino, eu violentava o meu desejo, eu desistia de quem eu poderia ser na infância, na adolescência. E isso foi deixando minha autoestima muito baixa. Tinha um garoto na escola que era lindo, que tocava violão, que todo mundo queria ser amigo dele. Eu não conseguia nem chegar perto. Porque eu tinha certeza que ele também era gay e que me descobriria na primeira oportunidade. Passou um tempo e ele quis ficar comigo. Não sei o que deu na cabeça dele, mas ele pediu um beijo, no meio de uma festa da turma. Eu neguei, disse que ele estava doido, que aquilo não era certo. Mas eu queria ficar com ele, cuidar dele, mas também queria sair correndo, deixar ele ali,

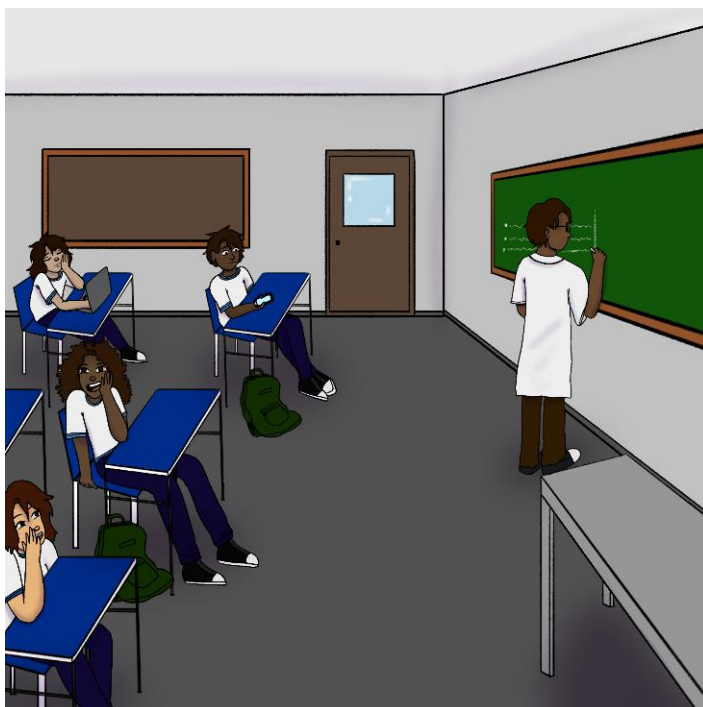
sozinho, com aquele violão em baixo do braço, porque eu sabia o tamanho do problema que aquilo seria na escola, na minha casa, na minha vida. Então eu resisti o quanto pude e

ele não descansou até conseguir ficar comigo. E sabe como que ele conseguiu? Num aplicativo de pegação, anos depois, usando

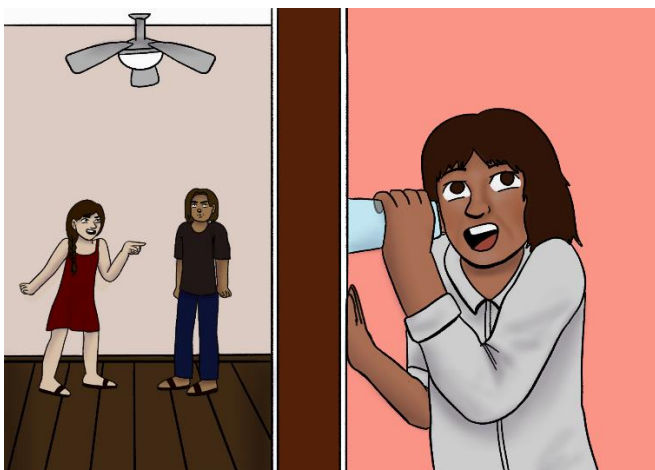
uma foto sem cabeça. Eu me interessei por ele sem saber quem ele era. Eu acho que pela Internet a gente cria mais coragem pra ser quem a gente deseja ser.



Nas contingências do presente, as escolas e as universidades são *espaçotempos* que se dobram entre o corpo-presença-física e o corpo-presença-virtualizada em telas, em rede. Nossos corpos estão ali, no pátio, nas salas, mas também em outros lugares, gravitando no ciberespaço que transborda pelas ruas, pelas casas, pelos escritórios e, claro, pelas salas de aula.



- Eu *stalkeio* mesmo, quero nem saber. Se a pessoa tem perfil na internet é pra ser vigiada, gente. Na pandemia, então, com esse tempo sobrando, eu fico online o dia todo e vou montando um quebra cabeça da vida de cada um. Até dos vizinhos trancafiados no prédio da frente ou até no meu prédio, eu já tenho informações. Eu observo tudo, eu acompanho as conversas botando o copo na parede. Essas paredes de hoje em dia são tão finas que nem precisam mais de copo. De vez em quando eu escuto um nome e vou pesquisar no Facebook. Se eu acho o perfil da pessoa, eu acabo descobrindo a árvore genealógica toda. Aí meu passatempo é imaginar o que acontece em cada casa. De tédio é que eu não morro nessa quarentena, porque o que eu não consigo descobrir ouvindo, pesquisando na Internet, eu invento. Já posso fazer uma novela só com a vida dos meus vizinhos.



Existir hoje em dia é estar multiplicado em *tempospaços* praticados como extensão da vida; é frequentar encruzilhadas convencidos da não fixidez, pois fascinados com as possibilidades do devir.

- Aí veio a pandemia e a gente estava separado. Ele tinha ido visitar os pais na Argentina e eu aqui pulando carnaval dentro de casa, pra não correr o risco de cair em tentação. Resultado: veio a quarentena e eu tô praticamente virgem de novo. O namoro continua pela Internet, a gente se fala toda hora. Mas eu já entrei numa piração de estar esquecendo o cheiro dele, a textura do cabelo, a temperatura do corpo, o gosto do beijo, sabe? Eu queria dormir junto, acordar junto. A tecnologia permite isso, mas não é a mesma coisa, não supre a saudade do contato físico. Eu quero a minha vida de volta, mas eu sei que aquele mundo não existe mais. Agora resta aprender a viver nesse mundo novo, cheio de restrição, mas também com um monte de possibilidade por causa da tecnologia. O meu namorado, nesse tempo que a gente tá distante, me ensinou umas coisas na cama que eu nem sabia que eu queria aprender, mas aprendi e gostei, online mesmo. Tem isso também, eu sou pilhado demais e esse contato virtual, por incrível que pareça, tem me relaxado mais, tem me deixado mais à vontade pra rever as

prioridades, pra controlar os meus impulsos. Vou dar um exemplo: meu namorado tá sempre de bem com a vida, ele minimiza tudo, não se abala com nada. Aí, parece que eu sou o maluco da relação, que eu problematizo tudo enquanto ele acha que tudo está na mais perfeita ordem. Ao vivo, isso sempre acabava em briga. No virtual, eu finjo que caiu a conexão, fico off, penso, me distraio vendo uns vídeos de *coach* de relacionamento no Youtube. Já tô pós-graduado em relacionamento pela Internet. No dia seguinte eu mando mensagem com *emoji* de coração, como se nada tivesse acontecido. Até o momento em que eu lembro que ele viajou sabendo que existia uma pandemia a caminho. Aí eu fico puto de novo e digo que qualquer dia desses ele vai voltar pro Brasil transladado num avião da FAB, direto pro cemitério. Eu tô com medo da gente não se encontrar mais, assim, ao vivo.

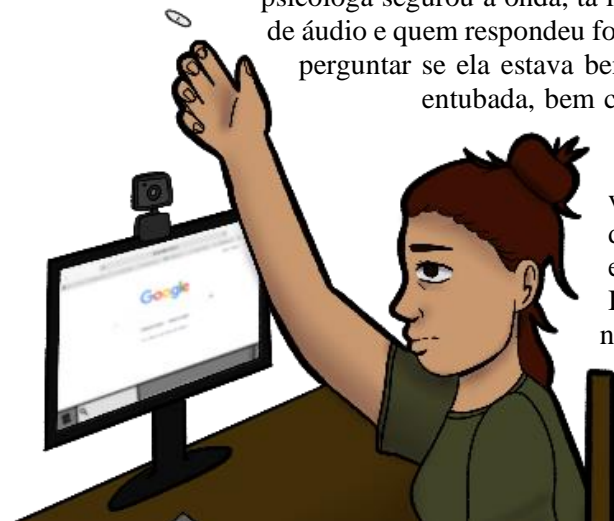


Se a história do presente nos revela outros modos de existir – e podemos acompanhar essas novidades a partir das novas formas de comunicação, das autorias textuais e imagéticas e sonoras espalhadas pela Internet – por que não teríamos que investir em novos processos de formação? Por qual razão manteríamos o magistério aprisionado a procedimentos e critérios de um tempo que conversa tão pouco com o hoje?

- A verdade é que eu estou vivendo a base de remédio. Não dá pra aguentar essa pressão toda na escola de cara limpa. Se eu fosse menos responsável, eu bebia todo dia, mas eu não tenho vocação pra isso. Então eu me dopo. Eu faço as videochamadas completamente dopada. E ninguém repara, sabe por quê? Porque eles também não estão mais ali. O corpo até pode estar, mas a cabeça tá na outra janela do computador, tá na mensagem chegando no Whatsapp.



- Eu fui falar com a psicóloga da escola, mas ela pegou Covid. Nem a psicóloga segurou a onda, tá internada, coitada. Eu mandei mensagem de áudio e quem respondeu foi o marido dela. Aí eu caí na bobagem de perguntar se ela estava bem. Ele disse que ela estava bem... Bem entubada, bem cansada, bem ofegante. Eu ri, mas foi de nervoso. Essa interação por mensagem de áudio me deixa confusa. Eu penso em voz alta, não é pra gravar, mas o meu dedo esbarra no microfone, grava e ainda envia o que não era pra pessoa ouvir. Imagina o que pode acontecer comigo nesse novo esquema de aula pela Internet, com tudo sendo gravado, com os pais escutando o que eu digo. Tem noite que eu sonho que tô sendo presa porque falei alguma merda na aula. E eu nem posso desmentir porque tá tudo gravado.



As docências em tempos de cibercultura necessitam considerar a insuficiência das lógicas normativas, criadas por discursos que viam o mundo como *habitat* dos estabelecidos e dos indesejáveis, dos conformados e dos indignados, cabendo aos últimos desses pares antagônicos deixarem de existir ou almejarem ser como os primeiros. O paradeiro dessa visão, em tempos de liberação do polo emissor¹⁸, deveria ser o descrédito. Todavia, ainda há quem insista no mérito do “*ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais*”¹⁹ mesmo que a vida nos mostre que “*nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia*”²⁰.

A cibercultura é a cultura contemporânea que revoluciona a comunicação, a produção e circulação em rede de informações e conhecimentos na interface cidade-ciberespaço. Logo, novos arranjos *espaçotemporais* emergem e com eles novas práticas educativas. Sendo a cibercultura o contexto atual, não podemos pesquisar sem a efetiva imersão em suas práticas. (SANTOS, 2019, p.20).

¹⁸ Voltaremos a essa questão mais adiante. Por enquanto, vamos pensando um pouco mais nessa ideia de que na Internet *todos falam para todos*. Quando você publica algo no seu perfil da rede social, quem lê? Quem interage com você? Quem se sente mobilizado com a sua postagem? Que consequências ou movimentos o seu *post* produz?

¹⁹ Referência ao verso da canção ‘Como nossos pais’, de Belchior.

²⁰ Referência ao verso da canção ‘Como uma onda’, de Lulu Santos e Nelson Motta.

Temos sido avisados sobre essas mudanças há alguns anos, em nossas casas, em nossas salas de aula, em nossas próprias itinerâncias nas redes sociais. Os sinais de que alguma coisa mudou estão por toda parte e a arte de formar pessoas precisa conversar com as mudanças miudinhas e, também, com as grandes – que se fazem perceber mais imediatamente. A gente sabe que as práticas no ciberespaço são mais independentes, mais imediatas, mais próximas da multiplicidade de procedimentos, de fontes e de interfaces. Assim, muitos elementos que antes eram constitutivos do nosso ser social, que nos serviam de cartão de visitas para sermos integrados ou afastados dos grupos com os quais interagíamos (ou queríamos interagir), hoje não fazem muito sentido quando tomados enquanto modos definitivos de pertencimentos, de filiações.



- A minha sexualidade é totalmente atravessada pela Internet. Eu passei anos achando que só gostava de homens, mas bastou uma garota dar *match* no Tinder pra eu prestar atenção em outras possibilidades. No começo da pandemia eu ainda namorava um cara, mas a relação estava por um fio. O isolamento foi a deixa pra gente colocar um ponto final naquela história. Daí teve esse *match* no Tinder e a gente marcou de se encontrar na praia. Isso era final de março, tava tudo vazio. Transamos ali mesmo, na areia, assim que anoiteceu. O mais engraçado é que as minhas experiências de sexo gay foram todas caretas, mas o meu primeiro sexo hétero foi num local público, em plena pandemia, com uma desconhecida que esbarrou comigo num *app*.



Não há mais quem disfarce o tédio diante de uma aula exclusivamente expositiva, que dura horas, que não estimula a coautoria. Nosso pensamento é hipertextual, como aquilo que consumimos através dos dispositivos digitais. Nossa imaginação acontece bricolando imagens, sons, memórias, ficções, negociando sentidos entre o vivido e o desejado. O ciberespaço constitui *espaçostempos* praticados como expansão da vida. É componente das redes educativas que nos entrelaçam e nos realocam, dia após dia, em determinadas posições fadadas ao movimento. Nossos corpos hoje se produzem orgânica e

tecnologicamente, ampliados pelas possibilidades oferecidas pelo digital em rede. Experimentamos o deslocamento sem sairmos do lugar, o amor e o prazer por/com outros corpos que ainda nem conhecemos face a face, a digitalização dos momentos, dos fragmentos de história, a multiplicação dos modos de ver e de dar a ver. Esse corpo expandido, produzido por **redes educativas cibercorporais**, é um corpo que dificilmente será docilizado pelas instituições totais, como as escolas, por exemplo. *Cibercorpos* são *hiperexpressos* em atos cotidianos que produzem e narram a vida como obra de arte.



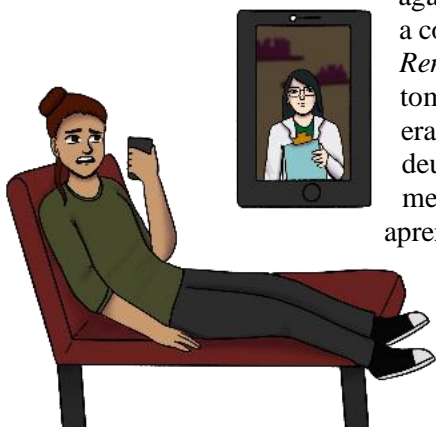
Como cultura contemporânea onipresente, o digital em rede ganha ainda mais potência formativa no contexto da Pandemia de Covid-19, na qual os sujeitos praticantes dessa/nessa cultura foram impelidos a um distanciamento social, com impacto mais duradouro em escolas e universidades que, desde março de 2020, em sua maioria, encontram-se no ensino remoto, devendo permanecer assim até dezembro, quiçá não adentrando em 2021. Nesse cenário, nunca vivido por pessoas que nasceram após a gripe espanhola em 1918-1920, o digital em rede, com suas interfaces de comunicação, informação e conteúdo, foi a “salvação” para a permanência ativa da sociedade nas diferentes áreas de atuação, como economia, cultura, saúde, educação, entretenimento e outras. Estar na rede passou a ser rotina de pessoas de todas as idades. (SANTOS; RIBEIRO; FERNANDES, 2021, p. 25)

Nesse momento em que vivemos o cansaço de meses e meses de uma pandemia sem precedentes, é de causar espanto o lamento de tantos docentes que parecem ter acabado de descobrir a cultura digital em rede. Muitos de nós enxergamos, boquiabertos, novas formas de existir e de perceber o mundo através dos dispositivos que nos conectam à Internet. A peste que se alastra sem dizer quando vai embora nos apresentou – já era hora! – o veredicto da história recente: “*o que há algum tempo era novo, jovem, hoje é antigo/ E precisamos todos rejuvenescer*²¹”. Cabe dizer, porém, que não há novidade que se construa na ausência da história acumulada. Toda novidade é uma espécie de releitura, de continuação que, às vezes, é ruptura aparente; outras, invenção que faz frente às práticas que precisavam mesmo acabar, sob a pena da obsolescência de certo modo de existir em

²¹ Referência ao verso da canção ‘Velha roupa colorida’, de Belchior.

sociedade. Há que se ter humildade para reconhecer e organizar nossas quinquilharias didáticas, abrindo caminhos para outros traços em nossas pedagogias.

- A psicóloga dizia muito isso pra mim: que eu estava presa no passado, agarrada num mundo que não faz mais sentido. Eu cheguei a contar pra ela que a escola voltaria, fazendo esse *Ensino Remoto*, que eu sou contra. E ela disse que era pra eu tomar cuidado pra perceber o que era só teimosia e o que era resistência. Ela sabe que eu sou cabeça dura, por isso deu esse toque – toque, não, esse tapa na cara. Eu preciso mesmo me permitir explorar mais a Internet, os recursos, aprender outras formas de fazer o meu trabalho, do mesmo modo que eu aprendo um tanto de receita nova pelo Youtube.



- Quando disseram que não podia mais sair de casa por conta do *lockdown*, eu fui ao mercado e comprei tudo que podia, porque eu fico nervosa e fico com fome. Eu preciso cozinhar, eu preciso fazer as receitas. E não pode ser a mesma comida todo dia, porque isso me dá gatilho. Eu preciso ficar experimentando receita nova, mas uma hora o repertório acaba e eu apelo pra Internet. A psicóloga me disse pra não cozinhar só os pratos que a minha mãe cozinhava, porque isso me fazia repetir outros comportamentos dela que não são bons pra mim.

- Outro dia eu pensei em ligar pra ela [pra psicóloga], pra saber se ela já tava em casa, se tava melhor da Covid. Mas aí eu fiquei com medo dela ter morrido e, sei lá, ouvir o telefone tocando do outro lado e resolver atender. Deus me livre falar com morto no meio dessa pandemia, sozinha dentro de casa.

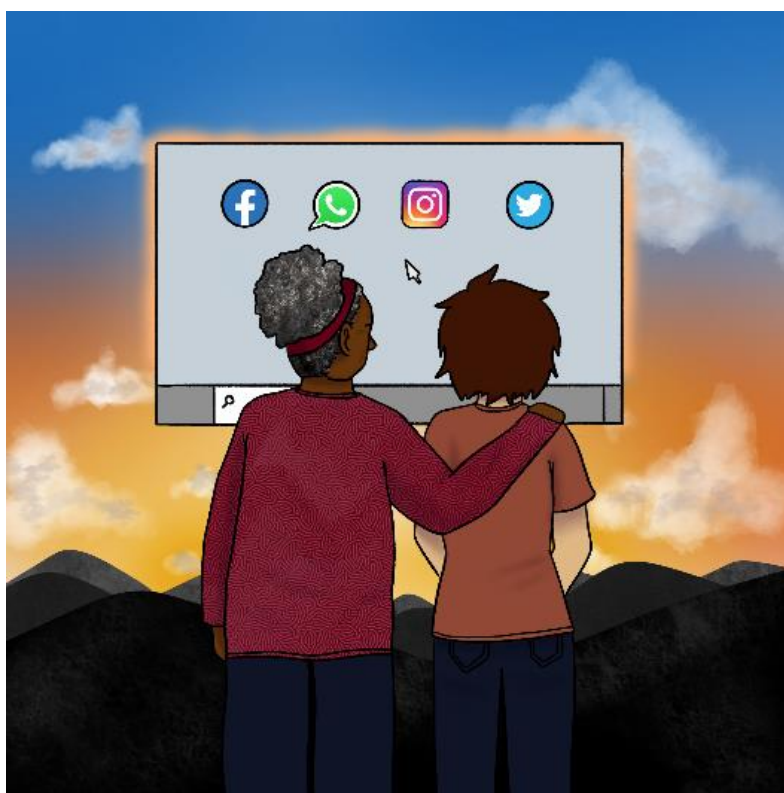


O que chamamos de *ciberdocências* são modos de praticar o magistério que estejam atentos aos repertórios criados em nossas itinerâncias pelas redes. Repertórios que, às vezes, causam estranhamentos às nossas ignorâncias, que competem com os nossos já sabidos e nos deslocam para contingências de desconfortos teóricos e metodológicos. As

ciberdocências reconhecem o perigo de uma história única e, por isso, diversificam as fontes e conversam com as fontes consultadas pelos estudantes, tecendo confianças para alertar a respeito das *fake News*.

- A coordenadora veio pra cima de mim, ligou dizendo um monte de desaforo. Que ela tinha recebido no grupo do pilates – que tá cheio de mãe de aluno – que eu era procurada pela polícia. Tudo porque eu tenho o mesmo nome de uma 171 que deu vários golpes na Zona Oeste. A mulher estava tão certa da minha culpa que eu cheguei a duvidar de mim mesma. A sorte é que eu já sabia do babado porque uma prima minha viu no RJTV e me ligou contando. Eu mandei a reportagem pra direção da escola, com a foto da mulher que era bem diferente de mim e que já tinha sido presa, inclusive. Mas como é que se desfaz a fama que eu ganhei agora entre os alunos? Eles estão me chamando de Bibi Perigosa, é mole?

As *ciberdocências* sabem das impermanências da linguagem e criam coragem para experimentar a comunicação por *memes*, por *virais*, por escritas acadêmicas mais próximas aos estilos dos jornais e/ou da literatura; o *ciberdocente* procura pensar a aula como ritual de abertura de caminhos, desenhando atalhos por



ruas nem sempre certas, mas cuja rota libera o estudante para trilhar a própria estrada, com as pedras e as belezas que devem existir em qualquer trajetória; a *docência ciber-situada* aposta na autonomia que todos deveríamos ter para produzir nossas jornadas de aprendizagem, deixando claro para as turmas que nós – professores – escolhemos a paisagem, mas são eles que deverão fotografar, ajustar a lente da câmera, colocar filtros, compartilhar, escrever legendas e outras autorias – cabe até plantar árvores, alimentar passarinhos, soltar pipa, brincar de amarelinha na paisagem que o *ciberdocente* projetou.

Afinal, quem disse que a sala de aula não pode ser uma fase mais avançada do *The Sims* ou que o conhecimento se encontra bloqueado para as alterações do *Photoshop* ou dos filtros divertidos do Instagram? O professor da cibercultura, no afã de viver o presente em toda sua complexidade, se aventura na criação de dinâmicas novas, bota a cara no sol, se expõe, sem medo de parecer ridículo – porque pior seria parecer deslocado do tempo em que vive – uma presença que não se faz notar.

O digital em rede, caracterizado pela rede mundial de computadores, ao permitir que estejamos simultaneamente em diferentes espaços físicos compartilhando sentidos, potencializa e democratiza o conhecimento por meio da *ciberpresencialidade* atingindo um público maior em formato síncrono e assíncrono [...] (SANTOS; RIBEIRO; FERNANDES, 2021, p. 26).



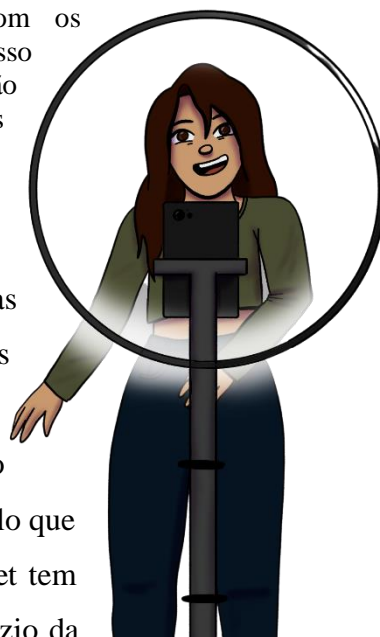
Ciberdocentes brincam com o previsível, desnorream as bússolas, inventam nas frestas do que parecia impossível. Ousam olhares originais e sabem que não vão agradar a todos. Recebem *likes* e *deslikes* e aprendem coisas novas com esses *feedbacks*. Compreendem a escassez dos recursos e criam percursos didáticos conscientes das armadilhas impostas pelas desigualdades sociais.

- A gente precisa aceitar que nem todo recurso didático é adequado pra todo mundo. E isso tá bem claro agora no *Ensino Remoto*. Não dá pra achar que qualquer professor e qualquer aluno vão entrar nas plataformas de estudo e vão tirar de letra. Por isso é importante que a gente invente nosso próprio material, nossos próprios recursos.

- Eu, quando comecei esse semestre já fui logo dizendo pras turmas: eu sou a proprietária dessa nova rede social, porque as que existiam não me bastavam. Eles riram, mas eu estava falando sério. Eu criei o meu AVA praticamente do zero. Eu não gosto dessa mesmice, dessas fórmulas didáticas que não consideram as especificidades locais. Daí, como eu tenho um certo conhecimento de programação, eu fui

investindo, pesquisei e hoje tenho meu próprio AVA, que é um parque de diversão pra mim.

- Eu acho que nós estamos criando uma expertise com a pandemia que é esse saber acerca do online, dos modos como a gente pode incrementar as aulas presenciais com os recursos da Cibercultura. O nosso repertório está crescendo com a gravação e os usos dos podcasts e dos vídeos curtos do Tik Tok, por exemplo.



Estamos falando de um docente que entende que as docências na cibercultura dialogam mais com as práticas do que com os equipamentos. Muitos dos seus inventos não precisam ser comprados, pois apostam na mudança do comportamento, no aproveitamento das coisas e das histórias do dia a dia, daquilo que viraliza nas redes e chega às comunidades que nem Internet tem direito²². O grande feito da *ciberdocência* é preencher o vazio da vida com conversas que fazem sentido, ou melhor, cujo sentido é feito por cada um que participa dessas conversas. O sumo das conversas tecidas em salas de aula, na perspectiva de uma *docência ciber-situada*, é a inconclusão negociada dos pensamentos que miram o devir.

- Essa reaproximação que estamos fazendo com as aulas remotas é fundamental. Porque a gente tem trocado ideias, tem compartilhado experiências com os dois pés na realidade. Eu não romantizo esse momento com as minhas turmas. Tem colega adotando aquele discurso que diz “é na crise que a gente cresce”, “isso tudo vai passar”. O coronavírus é inofensivo se comparado ao vírus do *coach*.

- Meu papo com eles é reto: eu mostro os números, as estatísticas e as análises sociológicas desse horror que estamos vivendo. Deixo bem claro quando foi o início dessa tragédia que não começou com o vírus, mas com o golpe de 2016 e as eleições de 2018. Dá gosto de ver quando a carapuça serve neles. Eles estão gostando de falar, de mexer nas feridas, sabe?

²² “A forma como é implantada a infraestrutura de conectividade gera desigualdades de oportunidades de uso da rede. É perceptível que atualmente não basta conectar os cidadãos, sendo necessário conectá-los em velocidades compatíveis com o desenvolvimento das aplicações, sistemas e soluções na rede”. (VELOSO; BONILLA; PRETTO, 2016, p.48).

- Tem dia que eu levo um texto mais teórico, mais analítico, e eles respondem com as suas histórias de vida, eles humanizam esses debates. Tem uma aluna que perdeu pai e mãe logo no começo da pandemia. Ela tá sozinha no apartamento e não admite que ninguém vá lá visitá-la. Ela tem certeza que contaminou os pais e acha que ficar sozinha é uma maneira de se punir. Nem o ex-namorado, que mora no mesmo prédio, ela atende quando bate na porta dela. O



garoto vive insistindo, convidando ela pra jantar no apartamento dele, fala até em reatar o namoro. Mas ela está irredutível. A faculdade é o único vínculo que ela mantém com a sociedade, acredita? Se não fossem as aulas remotas eu acho que ela não falaria com ninguém.

Ainda não estamos falando aqui das práticas de Educação Online²³, que abordaremos depois. Tampouco daquilo que está sendo inventado em termos de Ensino Remoto Emergencial. A *ciberdocência* também não está condicionada ao tipo de professor que atua na Educação a Distância. Ela pode transitar por qualquer uma dessas instâncias formativas, mas não se limita a elas – alimenta-se delas e cospe aquilo que comeu. Ao cuspir, no entanto, o alimento já é outro.

[...] as necessidades formativas que foram emergindo em contexto de pandemia, nos provocaram, nos ensinaram a buscar caminhos outros no pensar/saber/fazer formação docente privilegiando a oportunidade de uma relação com o conhecimento formativo referenciado nas demandas e nos sentidos de um aprender plural, dialógico e, principalmente, experiencial. (SANTOS; RIBEIRO; FERNANDES, 2021, p. 26).

O corpo do *ciberdocente*, em tempos de pandemia, precisa caber numa tela – de celular, de computador, de tablet etc. Ele está na tela, mas não como orador. Ele e a tela são partes do motor que prensa a mensagem, permitindo tiragens de comunicação ao final de um

²³ Apresentamos uma primeira definição de Educação Online, a partir de Santos (2019, p. 69): “A educação online é o conjunto de ações de ensino-aprendizagem, ou atos de currículo mediados por interfaces digitais que potencializam práticas comunicacionais interativas, hipertextuais e em mobilidade”.

processo sempre em aberto. São performatividades que existem nos *espaçotempos* incertos do consumo cibercultural.

- Eu detesto aparecer em vídeo. Nunca me achei fotogênico, desinibido, capaz de falar com naturalidade pra uma câmera. Gravar videoaula é um sacrifício pra mim. Eu não sei como essas blogueiras conseguem se filmar o tempo todo e ainda expor essa intimidade nas redes.

- E tem umas que vão fundo no negócio, a ponto de exibir o próprio suicídio numa *live*. Uma aluna trouxe essa história numa aula e eu não acreditei. Daí ela compartilhou o tal vídeo com a turma e comigo e eu me arrependi de ter duvidado dela. Essa mesma aluna usou a aula pra contar pra turma que descobriu que estava grávida de um amigo, com quem ela ficou no carnaval. E queria ajuda pra decidir o que fazer: se contava pro amigo, se tentava abortar, se criava a criança sozinha. E tudo isso no meio da pandemia, no meio da minha aula, pela tela do computador. Foi impressionante a naturalidade dela com aquela situação, as pessoas foram se engajando na história a ponto de fazerem uma lista de nomes pro bebê – Corona se for menino, Covid se for menina – uma cena inacreditável. Eu pensei em intervir, mas fiquei com receio de ser acusado de machista, sei lá. Ela também parecia precisar de ajuda, eu não queria ser omissa. Aí no final do desabafo público, a maluca disse que era uma pegadinha, que estava gravando um vídeo pros seguidores dela. Eu simplesmente desconectei a minha Internet e comecei a gritar dentro de casa. E depois eu tive uma crise de riso. Até hoje eu não sei se aquilo aconteceu, se foi um delírio. O fato é que a aluna não apareceu mais nas aulas. Eu, se pudesse, também não apareceria.



A condução atual dos ritos educativos, mediante a necessidade do distanciamento físico, tem revelado *docentes ciber-situados*, criando aulas inspiradas nos princípios da cibercultura. É o caso, por exemplo, de uma professora de Artes – Tatiana Goldring – que faz uso de uma linguagem aproximada do aplicativo *Tik Tok* para produzir, em vídeos

curtos, os conteúdos programáticos da sua disciplina, ofertados via YouTube, para estudantes da educação básica de uma escola municipal em Cariacica, município periférico da grande Vitória, no Espírito Santo.



Figura 1 Print de tela de dois vídeos publicados no canal de YouTube da professora Tatiana Goldring. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tatigol>. Acesso: 13/10/20.

A *ciber-professora* entende que o filtro do aplicativo também faz parte da mensagem; ela planeja as aulas como um roteiro de experiências, de modo que a audiência se engaje em fazer, nas suas casas, aquilo que a professora faz no vídeo. O estudante é convidado a cocriar, a opinar sobre os temas, a realizar experimentos a partir dos novos *conhecimentossignificações* partilhados na rede. Numa dada ocasião, por exemplo, a professora *praticateoriza* a produção das cores através de itens pigmentados que ela tem em sua casa. Ela apresenta as técnicas, os materiais e, em seguida, propõe que os estudantes recriem a experiência, adaptando-a ao que se tem em mãos. Ou seja, o currículo praticado pela professora demanda um estudante autor, fazedor de itinerários plurais. Tal convocação à ação converge com o praticado no ciberespaço, sendo gesto de um currículo online e não de uma simples transposição da sala de aula presencial para um Ambiente Virtual de *Ensinoaprendizagem*. A aula da professora Tatiana é tecida no fazimento, na imersão e no cruzo²⁴ autoral. Online, forma e conteúdo são elementos que se acoplam; ambos são mensagens, são expressividades autorais que participam dos gestos de *aprenderensinar*. O que a professora realiza em sua tentativa de assumir a linguagem praticada pelos estudantes como a língua falada em sua disciplina é um gesto

²⁴ “O cruzo, o encruzamento ou o encruzar emerge como perspectiva teórico-metodológica assentada nos complexos de saber das macumbas brasileiras. Fiel aos princípios exusíacos, o encruzar dá o tom dos caracteres diversos, ambivalentes e inacabados dos conhecimentos existentes/ praticados no mundo”. (SIMAS; RUFINO, 2018, pp.25-26).

de alargamento da comunicação, presente no quarto movimento das pesquisas com os cotidianos – *narrar a vida e literaturizar a ciência*, isto é, apostar numa linguagem

“que teça, ao ser feita, uma rede de múltiplos, diferentes e diversos fios; que pergunte muito além de dar respostas; que duvide no próprio ato de afirmar, que diga e desdiga, que construa outra rede de comunicação, que indique, talvez, uma *escritafala*, uma *falaescrita* ou uma *falaescritafala*” (ALVES, 2015, p.145).

Em tempos de pandemia, quando a produção e circulação de *conhecimentossignificações* acontece primordialmente na Internet, sob o onipresente registro das imagens e dos sons, podemos acrescentar ao movimento de literaturização da ciência a ideia de uma audiovisualização da ciência²⁵. Trata-se de reconhecer a potência do audiovisual enquanto consumo inventivo, mas também como produção autoral realizada pelas pessoas comuns, entre elas os professores e os estudantes. Audiovisualizar a ciência (e as aulas e as comunicações em eventos científicos e as publicações acadêmicas etc.) é assumir um compromisso com a quebra da hegemonia da escrita e da fala, produzindo outras estéticas de pesquisa. No processo de audiovisualização também poderá acontecer gestos de corporalização da ciência, oportunizando ao pesquisador a apropriação do seu próprio corpo como veículo de expressividades, como tela a partir da qual ela deixará passar as narrativas da pesquisa. Corporalizar a ciência, contudo, não demanda, necessariamente, um dispositivo de registro em vídeo. O corpo em ato, em performance,

²⁵ Um dos autores deste livro (NOLASCO-SILVA, 2019) desenvolveu, em sua tese de doutorado, a ideia de "artesanias fílmicas", indagando "em que medida o audiovisual, ou melhor, as audiovisualidades, viabilizam debates e práticas nos cotidianos da formação de professores. De que forma essa cultura sem cerimônias, que se alimenta de tudo, que borra fronteiras, que se autoriza a inventar meios de satisfação dos desejos e de veiculação de ideias pode inspirar outros possíveis na formação docente?". Criou-se, naquela ocasião, uma subseção chamada: "Artesanias fílmicas para narrar o cotidiano, inventando-o.", onde se argumenta que "não podemos desconsiderar as novíssimas formas de habitar e promover leituras do mundo, maneiras criadoras de inventar vidas. Especificamente, não podemos ignorar a presença dos smartphones em nosso cotidiano e tudo aquilo que com ele se cria." Essa defesa daquilo que se pode criar – e usar em sala de aula e noutras comunicações científicas – com os dispositivos de registros imagéticos e sonoros, foi fortemente influenciada pela produção que Vinícius Reis e Ana Letícia Vieira vinham realizando, em especial em "Inconveniente", curta metragem produzido como avaliação de uma disciplina ministrada por Nilda Alves, Conceição Soares e Carlos Eduardo Ferraço, no ProPEd/Uerj. Ao mesmo tempo, as turmas de graduação de Nolasco-Silva já vinham produzindo artesanias fílmicas para pensar o que era debatido em aula. Em seguida, Vinícius Reis defendeu sua dissertação de mestrado e trouxe, pela primeira vez, a expressão "audiovisualizar a ciência", mas sem aprofundar a ideia. Ele opera o tempo todo com "artesanias fílmicas", citando a tese de Nolasco-Silva. Ele usa "audiovisualizar a ciência" depois da dissertação pronta (no resumo e nas considerações finais), meio que se dando conta de que sempre se tratou disso. Em texto posterior, de 2021, para o *Seminário Internacional Fazendo Gênero 12*, Nolasco-Silva e Reis, escrevem: "Tal movimento [Audiovisualizar a ciência] – desdobrado de tantos outros presentes na obra de Nilda Alves (2015) – alarga as possibilidades de escrita e de fabulação do próprio pesquisador, estimulado a usar seu corpo como tela, como veículo de passagem das narrativas e das *prácticasteorias* dos interlocutores da pesquisa, *corporalizando* a ciência para dela fazer uma obra de arte."

pode apresentar-se em qualquer circunstância, desde que inspirado por alguma dramaturgia. Trata-se de um corpo (ou de um cibercorpo) narrador de histórias, sensível ao contato com o outro, disponível para fabular o vivido e o ainda não vivido (mas sabido, no campo, *com* as nossas redes), diante de uma audiência. Esse foi o exercício praticado em *Isolados, a série*²⁶ e, também, em *Solitária*²⁷, produções que fazem parte de um repertório multimídia que temos criado como projeto de circulação científica. Nosso objetivo é contribuir para a expansão das práticas curriculares, sublinhando a potência da fabulação enquanto máquina de autoria capaz de promover subjetivações mais alargadas e inclusivas. Nesses textos editados em sons e/ou imagens tensionamos concepções de gênero e sexualidade, apontando – pela via do entretenimento e da fruição – processos de exclusão e de violências, narrados pelos interlocutores das nossas pesquisas. Destacamos o papel das redes educativas na produção dos corpos – os obedientes e os afrontosos (ambos em trânsito constante) – e propomos, por meio da ficção, *audiovisualizar* a ciência para fazer circular – mais do que tem circulado – as nossas pesquisas. Tal movimento – desdobrado de tantos outros presentes na obra de Nilda Alves (2015) – alarga as possibilidades de escrita e de fabulação do próprio pesquisador, *audiovisualizando* e *corporalizando* a ciência para dela fazer uma obra de arte.

O que me surpreende, em nossa sociedade, é que a arte se relacione apenas com objetos e não com indivíduos ou a vida; e que também seja um domínio especializado, um domínio de peritos, que são os artistas. Mas a vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? Por que uma mesa ou uma casa são objetos de arte, mas nossas vidas não? (FOUCAULT, 1994, p. 617)

²⁶ Os personagens de *Isolados* vivem quase que integralmente no ciberespaço, dependendo dos dispositivos em rede para manter e criar vínculos com a coletividade. A vida na pandemia (na série, a pandemia persiste em 2025) é uma vida dentro e diante das telas, com todas as consequências (boas e ruins) que a mediação tecnológica pode gerar. O ponto de partida da trama é a separação geográfica de um casal homoafetivo que tenta manter o relacionamento, via *tecnologias de encontro*, apesar da distância. A vizinha de um deles – Norma Stabelecidah – é uma travesti hiperconectada, que vigia a vida dos demais personagens por meio de câmeras e escutas espalhadas pelo prédio, transmitindo em tempo real, na Internet, as histórias privadas dos vizinhos. A vigilância panóptica exercida por Norma nos permite problematizar a estética da visibilidade na rede, intensificada na pandemia, bem como a produção tecnológica dos corpos a denunciar o quão artificial é a *heterocisnormatividade*.

²⁷ O texto ficcional conta a história de um professor denunciado à Delegacia de Crimes Educacionais, num futuro próximo, por ter – supostamente – desobedecido os princípios do *Escola “sem” Partido*. O começo da peça mostra o professor prestando depoimento a um delegado²⁷, revelando-se, gradativamente, como um dissidente de gênero e de sexualidade. A ação do personagem deixa evidente para o público quais são as suas bandeiras político-ideológicas e de que forma tais pertencimentos fazem dele um alvo a ser combatido, castigado, inviabilizado. As falas desse professor fictício são, em sua maioria, excertos das narrativas produzidas no trabalho de campo, costuradas dramaturgicamente pelo pesquisador, de modo a criar elementos que prendam a atenção do leitor (e da plateia, quando montado, em forma de espetáculo teatral ou de “falsa” conferência em eventos acadêmicos. Uma prévia de *Solitária*, em podcast, pode ser conferida em: <encurtador.com.br/eEM16>. Acesso: 13/09/21.

Pensar a vida como obra de arte implica nos libertarmos tanto do Estado quanto das experiências de sujeição às quais fomos expostos; no lugar da adaptação, pode-se efetuar a recusa dos rótulos e empreender a feitura cotidiana das práticas de si, dessubjetivando-se. Para tanto, será preciso promover novas formas de subjetividade (FOUCAULT, 1983). As redes sociais online, ao alargarem o campo da auto apresentação, ao potencializarem a produção de outras versões imagéticas de nós mesmos, podem ser imaginadas como *espaçostempos* favoráveis às práticas de si, desde que habitadas na perspectiva da liberação e não do assujeitamento aos apelos do mercado e/ ou das práticas culturais que costumam ditar a moda e denunciar as inconveniências.



- Uma opção que eu fiz foi gravar todos os encontros. Não só pra registrar o que foi dito, mas também pra acessar, num outro momento, as emoções. Isso me permite analisar os movimentos pedagógicos, os movimentos curriculares, os modos de fazer de cada um, os exemplos que a gente cita, as histórias que a gente narra. É também uma forma de fazer uma autoavaliação. Eu quero poder me ver de fora, analisar a minha performance.

- Pra dar aula síncrona, por vídeo, eu ponho a minha melhor roupa, abro o meu melhor vinho, faço escova, até perfume eu passo. Nessa cidade só tem óbito e eu não tô saindo pra nada. Já que eu tenho que aparecer nas aulas, quero estar bonita. Eu vou esperar o fim do mundo com dignidade e, enquanto ele não vem, eu posto o *look* do dia nas redes sociais.

Performar um ciberdocente, como dissemos, está para além do trabalho em plataformas online. É uma aposta ética, estética e política. Nesse sentido, muito antes da pandemia, em turmas do curso presencial de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a professora Maria Jacintha Vargas Netto, desenhou uma disciplina traçada no imprevisível gesto da curadoria discente²⁸. Caberia aos estudantes – alunos do primeiro período do curso – escolher vídeos compartilhados no YouTube que pudessem servir de

²⁸ A experiência da professora foi tema de sua tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação, na UERJ. A tese foi publicada em livro – NETTO, Maria Jacintha Vargas. *Gestos tecnológicos: o que pensa o YouTube em um curso de formação de professores de uma universidade pública na cidade do Rio de Janeiro?* Rio de Janeiro: NEFI, 2016 (Coleção: Teses e Dissertações).

pretexto para as conversas que seriam tecidas nas aulas. A plataforma de compartilhamento de vídeos foi escolhida como *lócus* de *ensinos aprendizagens*, como fonte de *conhecimentos significações* capazes de agenciar atos de currículo numa turma de formação de professores.

Este trabalho vem procurando provocar algumas ações tão simples como escolher vídeos disponíveis na rede, exibi-los coletivamente, falar sobre eles, para poder, então, *curtir, compartilhar, copiar*, reconhecendo, nessas ações, também a possibilidade de *narrar, pensar, imaginar, emocionar*, escrever que só pode ganhar corpo a partir da variada e dispersa “ação de cada um nós” (NETTO, 2016, p. 20).

As práticas educativas, as práticas na cultura digital em rede e as práticas narrativas são aqui articuladas a partir da ideia de *gestos tecnológicos*. Deste modo, a partir do questionamento dos nossos *gestos tecnológicos* como os de *curtir, embedar, copiar, exibir, compartilhar, incorporar, espectar, conversar, contar*, entre outros, a pesquisa busca levantar questões como: que sentidos são produzidos na contemporaneidade a partir destes *gestos tecnológicos* que partilham narrativas? De que maneiras estes *gestos tecnológicos* vêm reconfigurando as questões de autoria, as de produção dos discursos e as de produção e partilha do pensamento em nosso tempo? Quais são as articulações tecidas entre *gestos tecnológicos, os gestos de narrar e gestos educativos*? Como pensamos a partir de nossas práticas com o digital em rede? Como este pensar produz uma abertura estética para outras sensibilidades e outros discursos? Como essa abertura estética pode também significar uma abertura epistemológica ao reconhecer que o pensamento circula através de diferentes linguagens, de variados artefatos e a partir de múltiplos seres pensantes? Como essas aberturas estética e epistemológica podem produzir no ato educativo, também, uma abertura política ampliando o campo dos possíveis da percepção, do sentir, do pensamento e da ação? (NETTO, 2016, p. 21).

Nesse gesto de abertura para a coautoria a ciberdocente criou oportunidades para a bricolagem, para a ressignificação de práticas comumente associadas ao entretenimento, mas que ao serem usadas intencionalmente em contextos de formação acadêmica/escolar, podem constituir artefatos curriculares.

Há muitos fundamentos da *ciberdocência* presentes na prática da professora Maja – como é conhecida na Universidade. Entre eles, podemos citar: a valorização do repertório discente – o conjunto daquilo que os estudantes consomem nas redes; o reconhecimento da rede online de compartilhamento de vídeos como fonte de informação passível de ser consultada e considerada; a diversificação da linguagem na formação acadêmica; a autonomia do estudante que se torna um curador do material usado para disparar o pensamento etc.

Nas práticas propostas a partir das narrativas do YouTube no espaço e tempo desta pesquisa, vêm se articular outras tantas narrativas dos alunos e da professora e pesquisadora. São essas histórias contadas, assistidas, compartilhadas que vão estabelecendo um campo de sentidos que nos permitem, a nós, praticantes da experiência vivida, seguir narrando o mundo e narrando a nós mesmos no mundo, em um processo que pode ser considerado como formativo, mesmo que a despeito de programas, conteúdos programáticos ou avaliações institucionais. (NETTO, 2016, p. 38).

- Durante muito tempo eu tive medo das coisas saírem do controle dentro da minha sala. Então, eu fazia um planejamento que era uma camisa de força. Escrevia no quadro, depois lia, passava atividade pra eles fazerem com tempo determinado. Seria perfeito, se não fosse chato. Eu mesma não aguentava mais aquela repetição, aquela falta de novidade. Agora, nas aulas remotas, eu deixo correr mais solto, eu libero a aula pra que eles também falem, também construam aquela experiência junto comigo. Se vai dar certo sempre, eu não sei. Já teve briga, ameaça de morte, xingamento de mãe.

- Eu acho que todos nós estamos mais sensíveis por conta da pandemia. Outro dia uma aluna mostrou o cachorro na aula remota. Não demorou pra aparecer periquito, gato. Eu não consegui mais dar aula porque todo mundo queria mostrar os bichinhos da casa.



- Eu nem me abalo mais. Eu desencanei dessa coisa de manter a paz a qualquer custo. Hoje eu abro o microfone e já falo: quer matar, mata, quer morrer, morra, mas me deixa viva pra contar essa história. Eu acho que é isso que a gente tá fazendo, né? A gente tá escrevendo uma história que lá na frente vai ser lida, vai ser estudada. E a história não pode ter o registro de uma voz só. Porque isso é o que sempre foi feito pela grande imprensa que, sabemos, tem partido e tem ideologia.

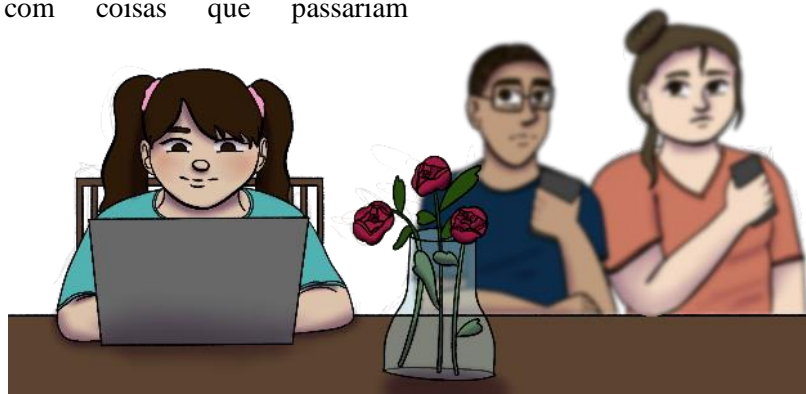
- A imprensa mostrou outro dia a visita que o presidente fez a um município do Espírito Santo. Pela televisão, parece que ele foi muito bem recebido. Mas esqueceram de mostrar que uma mestrandia da universidade pública fez uma campanha online pra arrecadar dinheiro e

confeccionar *outdoors* de protesto. Ela conseguiu o dobro do que precisava, mas nenhuma empresa capixaba aceitou produzir os *outdoors*. Ela conseguiu com uma empresa de fora que não só confeccionou os *outdoors*, como doou um pra cada município. Esse não é um fato jornalístico? Onde é que essa história de resistência vai ser registrada? A gente não é só gado, não é só rebanho.

- Esses conflitos do dia a dia também precisam aparecer na voz de quem está vivendo isso tudo. E não somos só nós que fazemos parte disso, não. Tem as famílias também. Tem pai e mãe que nunca mexeram em computador, que não estão na Internet e que agora vivem essa inclusão digital forçada.

- A mãe de uma aluna apareceu na câmera uma vez, abriu o microfone e soltou o verbo. Ela pediu desculpas e disse que precisava desabafar, que não estava mais aguentando ficar longe do marido que trabalha embarcado, que assim que ele voltasse pra casa iria matá-lo antes que ele matasse todo mundo, porque parece que o cara é negacionista – ela apelidou o marido de Covid! Aí disse que não conseguia ajudar a filha nas lições e que a culpa daquilo tudo era da OMS, que ela nem tinha votado na OMS pra se sujeitar às ordens deles. Todo mundo riu, mas eu fiquei com pena dela. A mulher chorava, dizia que estava infartando e a filha ria, falando que não ia chamar a ambulância com medo de se infectar com o povo do hospital. Parecia um *Casos de Família* e eu ali, de Cristina Rocha.

- A família tá sendo incluída nas aulas remotas porque não é toda casa que é grande, que tem cômodos com portas pro aluno entrar e se isolar do resto da família. A minha mãe, por exemplo, estava ouvindo a nossa conversa no grupo de pesquisa sobre um filme que a gente viu – Mercado de Notícias, do Jorge Furtado – e quis participar. Ela se interessou pelo filme ouvindo a gente discutir. Então, eu assisti de novo o filme, mas dessa vez com a minha mãe. E ela ficou impressionada com coisas que passariam

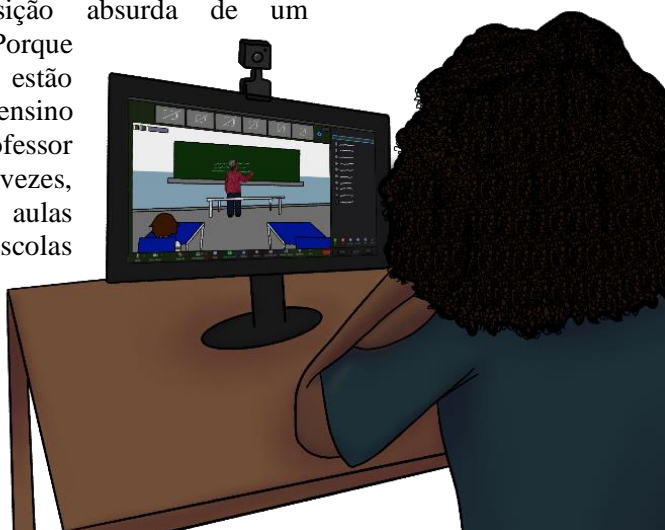


despercebidas caso ela não tivesse escutado o debate no grupo. Ela disse, por exemplo, que não tinha se tocado sobre o fato de haver mais jornalistas homens que mulheres.

São muitos os bons exemplos de práticas *docentes ciber-situadas*, antes e durante o *Ensino Remoto Emergencial* inventado na pandemia. Mas também são múltiplos os casos

de professores exercendo o *ensino remoto* à revelia, percebendo a mais-valia²⁹ que se intensifica no aumento disfarçado³⁰ da jornada de trabalho docente. São professores que alertam para a precariedade de uma “solução” apressada, de uma volta às aulas insuficientemente negociada e/ou debatida com os atores diretamente envolvidos no processo.

- É preciso deixar uma coisa bem clara quando se fala de ensino híbrido nesse momento da pandemia. A gente não pode confundir a ideia de uma educação híbrida, no sentido da conjugação de técnicas, de modos de fazer no presencial e na Cibercultura como exercícios de bricolagem, com a imposição absurda de um sobretrabalho. Porque é isso que eles estão chamando de ensino híbrido: o professor trabalhar duas vezes, realizando as aulas presenciais nas escolas que voltaram ao presencial e realizando as aulas online pros estudantes que ainda estão em casa.



²⁹ A mais-valia, para Marx (1973), é a diferença entre o tempo de trabalho necessário para o empregado exercer o seu ofício e garantir o seu salário e o tempo excedente desse trabalho, no qual a produção não se converte em ganhos para o trabalhador, mas para quem o emprega.

³⁰ Disfarçado para quem está do lado de fora dos cotidianos desse tipo de trabalho – ou para quem vê e finge que não enxerga. Para quem está dentro, exercendo múltiplas jornadas – entre elas a tentativa de não ficar doente – a ampliação da jornada laboral é uma realidade que se mostra como um tapa no meio da nossa cara. De acordo com pesquisa realizada pela Associação dos Docentes da UERJ (Asduerj), entre 26 de novembro e 14 de dezembro de 2020, a sobrecarga de trabalho docente na Uerj durante a quarentena chegou a uma média diária de 9 a 12 horas (para 44, 7% dos professores participantes da pesquisa), subindo para mais de 12 horas para 14% dos/das respondentes. Disponível em: <http://asduerj.org/v7/na-pandemia-docentes-da-uerj-trabalham-mais-do-que-carga-horaria-contratual-determina-aponta-pesquisa/>. Acesso: 28/02/21.

As consequências das desigualdades abissais – econômicas e de inclusão e letramento ciberculturais³¹, sobretudo – têm aparecido nas telas do nosso AVE³². As autorias ali inscritas, produzidas por estudantes em processo de descoberta da plataforma, dão forma a um pensamento que mescla curiosidade, medo, ignorâncias, sabenças, consciência de classe, indignação. São falas que apontam para uma concepção de mundo e de educação em trânsito (*em transe?*) e que nos deixa, muitas vezes, sem entender qual é o nosso papel nisso tudo, o que podemos e não podemos querer em termos de respostas para as demandas programáticas e burocráticas da disciplina ministrada. De um lado, as exigências institucionais; do outro, as ausências em suas formas múltiplas.

- Nós já tínhamos essa ausência, só que ela era de corpo presente. A gente via o aluno na sala, mas nem sempre ele estava ali. O que tá mudando agora é a nossa percepção sobre os estudantes porque eles desligam a câmera, o microfone e deixam essa ausência mais explícita. Eu li no jornal que hoje existem 10 milhões de crianças no Brasil sem condições mínimas de ter uma vivência escolar. São crianças que vivem sem esgoto, sem água desde antes da pandemia. Na pandemia a gente tá vendo que as crianças não têm acesso à Internet, não têm aparelho pra acessar a Internet. Mas antes da pandemia, tinha professor dando aula em escola com apenas um banheiro, sem água e com o vaso entupido. O que a gente vai fazer com tudo isso? Com essas descobertas que a pandemia tem nos permitido enxergar? Eu quero ver que respostas os políticos vão dar nas próximas campanhas eleitorais.

³¹ Entendemos que os letramentos ciberculturais são processos de *aprendizagensensinos*, tecidos em rede, em contextos de cibercultura. Trata-se de apropriações e invenções autorais (e em coautoria) realizadas no ciberespaço, sempre abertas à novas interações, pois continuamente inacabadas. Os letramentos ciberculturais não se resumem aos *saberesfazeres* de operação dos dispositivos e das interfaces digitais, mas dialogam com a feitura de autorias múltiplas, atentas aos processos de produção, consumo e apuração das narrativas (escritas, sonoras, imagéticas) que circulam nas redes. Os praticantes *ciberculturalmente letrados* se reconhecem como protagonistas e contestam suas próprias práticas, anunciando novos sentidos para elas (SANTOS; RIBEIRO; FERNANDES, 202).

³² Nossos apontamentos, como dissemos anteriormente, estão localizados nos *espaçostempos* do *Ensino Remoto Emergencial* praticado, a partir de setembro de 2020, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Os autores atuam na disciplina Tecnologias e Educação, ofertada para o 1º período do curso de Pedagogia. A comunicação (assíncrona) acontece via Moodle, criado pelos autores, uma vez que a Universidade não dispõe de servidores capazes de atender a todas as disciplinas e professores (justificativa dada pela coordenação do curso no primeiro semestre letivo de 2020 – realizado no segundo semestre do mesmo ano).



O que fazer com a estudante que, sem computador, celular ou tablet ganhou um chip de dados para conectar o dispositivo que não tem à Internet que não existe na comunidade onde mora³³? E a estudante-senhora que precisa dividir o único celular da casa com os filhos em idade escolar? E a professora, já idosa, que usava o computador apenas para se comunicar através de e-mails e que agora, sem formação adequada, se vê em meio às demandas de controle de frequência, de notas a serem lançadas, de aulas que serão ministradas mediadas por tecnologias que, até pouco tempo, não eram praticadas por ela como elementos passíveis de serem usados como recursos didáticos?



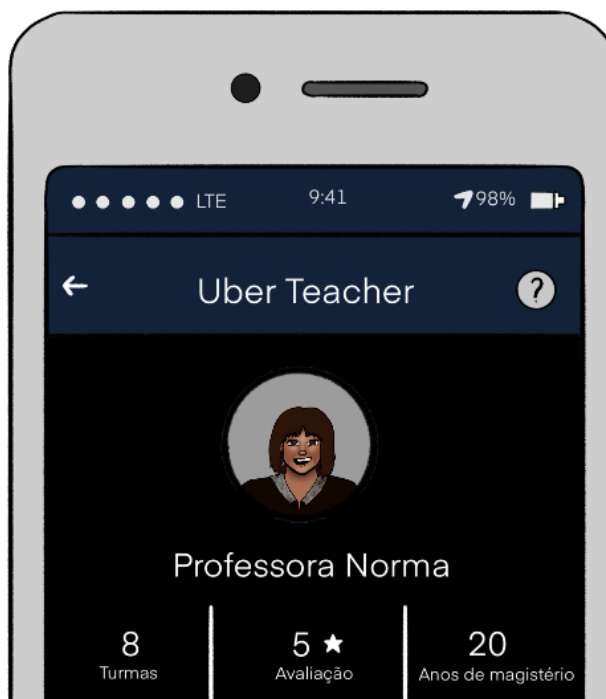
³³ A UERJ elaborou um programa de distribuição de chips de dados e de tablets para alunos que não dispunham de conexão e meios de acesso à Internet. Os chips foram distribuídos no início do *Período Acadêmico Emergencial*, mas até agora – transcorrido mais de um mês de aula (escrevemos essa parte do texto no dia 16 de outubro de 2020) – os tablets seguem em processo de licitação, sem previsão de entrega. O que fazer com os estudantes cuja presença nas salas de aula remotas não pode ser efetivada? É justo reprovar por falta um aluno que sobrevive na falta de quase tudo que importa para esse tipo de formação acadêmica? Tais problematizações não visam criticar os esforços da equipe de gestão da universidade, mas questionar algumas das escolhas feitas, sobretudo as que se deram em harmonia com as ofertas da iniciativa

Nossa experiência de aprofundamento nos recursos digitais tem nos mostrado a pluralidade de *espaçostempos* em que a nossa formação se dá. *Aprendemosensinamos* em rede, rizomaticamente, de acordo não só com as intenções curriculares (em contextos de formação escolar/acadêmica), mas também a partir das nossas necessidades de (re)existência, de realocação no mundo.

As demandas formativas emergentes no contexto da pandemia possibilitaram a muitos dos docentes universitários problematizar suas opções epistemológicas e metodológicas expressas nas didáticas presenciais. Ao se perceberem convocados a uma transposição didática para o *online*, se viram em condição de tensão e de incerteza, pois o ainda distanciamento na formação de professores de perspectivas teórico-metodológicas relacionadas ao novo contexto das tecnologias digitais, como se a cultura do digital em rede fizesse parte do cotidiano, mas estivesse desarticulada da formação, acabou gerando esse desconforto, ou seja, os multiletramentos, em especial o letramento digital com intencionalidade formativa, não se apresentaram potentes na rede de conhecimento dos professores. Mobilizar interfaces digitais com intencionalidade formativa passou a ser um problema nesse contexto e muitas universidades precisaram parar por meses seu ensino de graduação e pós-graduação para atender a duas demandas, a de formação de professores e de conectividade dos alunos, ou seja, em um mundo digital, a exclusão cibercultural ainda é presente na realidade de muitos estudantes. (SANTOS; RIBEIRO; FERNANDES, 2021, p. 27).

privada. É público o acordo do Estado com a Microsoft, bem como é pública a adesão dos gestores da UERJ aos ambientes online criados pela referida empresa que, entre outros dados – já muito divulgados criminosamente no Brasil – passa a ter informações sobre os nossos comportamentos em contextos de formação universitária. Conhece nossos métodos de trabalho, acessa nossas bibliografias, acompanha as fragilidades no desempenho dos estudantes, descobre os pontos fracos e fortes das atuações docentes, enfim, cria um conhecimento robusto acerca do que temos vivido nessa fase de transição/adaptação aos AVE, reunindo elementos capazes de, muito em breve, ofertar a preços inimagináveis soluções didáticas para aqueles que seriam os problemas da universidade – a falta de infraestrutura tecnológica, a carência de formação cibercultural dos docentes e dos discentes e sabe-se lá mais o quê. A universidade não seria capaz de criar outras soluções tecnológicas a partir do seu coletivo docente? Não valeria mais a pena investir em ambientes virtuais elaborados na universidade pública, por servidores públicos que já possuem expertises na área?

A pandemia nos colocou diante de inúmeras demandas de ressignificação das muitas coisas que já sabíamos, mas não podemos romantizar esse alargamento dos *saberes-fazer*s, ignorando o tempo e a força que precisamos empregar para dar conta dessas novas demandas, sobretudo quando elas são impostas no mundo do trabalho, sem a infraestrutura necessária. Seria o trabalho docente exercido no *Ensino Remoto Emergencial* um desdobramento de um processo, cada vez mais intenso, de *uberização* do magistério? A flexibilização dos direitos do trabalhador, divulgada pela cumplicidade da grande mídia como modernização das relações trabalhistas, representa o retrocesso de conquistas históricas, mas é difícil enxergar a derrota quando estamos sob a ótica do grandioso avanço das tecnologias (*se fetichizadas*) que transformam a vida numa série de demandas a serem atendidas por trabalhadores precarizados, andando pra lá e pra cá em suas motos, carros e bicicletas, sempre alertas ao sinal que anuncia o próximo bico³⁴.



O risco representado pela vida que se cria em meio às tecnologias pode ou não equivaler à liberdade que se pretende exercer através delas. Eis o dilema das telas que abrem janelas na palma das nossas mãos. Poderá a conexão em rede fortalecer os nossos vínculos com uma concepção de trabalho baseada na expansão da vida? Ou será perdida, definitivamente, a autonomia que deveríamos ter para organizar o nosso tempo, planejar os nossos passos, criar as distâncias ou os laços com aqueles que circulam por nossas vidas?

A *ciberdocência* não pode ser entendida como trabalho constante realizado por um professor-sempre-alerta. Trata-se de uma prática que nos liberta dos vícios da educação

³⁴ Gíria para trabalho temporário, informal e, geralmente, mal remunerado.

bancária³⁵, da encenação de um papel que diz pouco ou quase nada sobre as nossas querências. A *ciberdocência* é o direito à impermanência, à dúvida, à ousadia da experimentação constante. Se depois da pandemia, como dizem, “nada será como antes, amanhã³⁶” que sejamos, ao menos, melhores e mais livres.

³⁵ Noção fundamental do pensamento de Paulo Freire. Cf. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

³⁶ Referência ao verso da canção ‘Nada será como antes’, de Milton Nascimento, Ronaldo Bastos e R. Vince.